

A PROPOSIÇÃO DE UM NEO-NARCISISMO COMO NOVO DISPOSITIVO QUE PERMEIA A RELAÇÃO DA SUBJETIVIDADE COM OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, COM O TEMPO E COM O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE.

Mirela Fernanda De Freitas Alves, Hélio Rebello Cardoso Jr.- Humanas- Psicologia- Departamento de História- Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis.

A Sociedade Disciplinar analisada por Foucault surgiu no século XVIII e manteve-se em vigor até a Segunda Guerra Mundial, atingindo seu ápice no início do século XX, ou seja, sucedeu um período de sociedades de soberanias, de potências mundiais, onde era preferível usurpar mais do que administrar a produção, determinar sobre a morte mais do que gerir a vida (DELEUZE, 1992, p.219). Como tal, a Sociedade Disciplinar, mostrou-se caracteristicamente muito diversa em sua forma de atuação.

Nesse período, as instituições ou espaços disciplinares que existiam eram os asilos psiquiátricos, penitenciárias, casas de correção, estabelecimentos de educação vigiada, de certa forma os hospitais e de um modo mais geral as instâncias de controle individual funcional numa dupla atuação: a da divisão binária e da marcação (louco – não louco, perigoso – inofensivo, normal – anormal); e a da determinação coercitiva e da repartição diferencial (quem é ele, onde deve estar, como caracterizá-lo, como reconhecê-lo, como exercer poder sobre ele de maneira individual, uma vigilância constante, etc) (FOUCAULT, 2003, p.165).

Na Sociedade Disciplinar, esses confinamentos eram uma marca própria. As instituições constituíam-se em espaços fechados onde os indivíduos eram concentrados, distribuídos, compostos, não eram mais do que variáveis independentes (DELEUZE, 1992, p.219). Num mundo que se firmava majoritariamente capitalista, a disciplina apresentou-se como sua força rudimentar, desterritorializando e reterritorializando os indivíduos simultaneamente, sobrecodificando suas produções.

A disciplina era dual em cada corpo que atuava: dele, ela queria e privilegiava a produtividade, potencializando-a e, por outro lado, destituía-o de uma atuação política na forma de resistência, buscava sua sujeição e submissão (FOUCAULT, 2003, p.119). Os corpos, para atuarem de modo mais adequado, deviam ser transformados, aperfeiçoados, apertados pelos poderes que os circundavam, cheios de proibições e limitações.

Se levarmos em consideração que os corpos são constituídos pelos saberes e que estes são diferentes em cada contexto social, institui-se então uma nova “anatomia política do corpo” (FOUCAULT, 2003, p.119), porque estão presentes em cada sociedade, uma maquinaria, elementos materiais diversos, utilizações diferentes dos mesmos elementos materiais e formas diferentes de controlar e homogeneizar os movimentos desviantes que surgem. Assim, em Foucault, a discussão é muito mais sobre qual o corpo que determinada sociedade (saber - poder) precisa.

Para Foucault (2003, p.119), o tempo da disciplina despertou com o surgir de uma arte sobre o corpo humano que visou não somente sujeitá-lo, torná-lo mais hábil, mas inseri-lo numa relação diretamente proporcional: utilidade-obediência, pelas coibições políticas que se lhe aplicavam em determinados dispositivos de poder que se atualizam em espaços disciplinares específicos.

Por uma série de mudanças no contexto econômico-social e incompatibilidades crescentes, a Sociedade Disciplinar não mais supria as necessidades dessa nova demanda: de uma abertura dos espaços e das modificações ocorridas até o que existe hoje enquanto realidade (especificadas nos parágrafos seguintes), ao menos não totalmente, e o próprio Foucault, apesar de não ter analisado sua continuidade, reconheceu uma nova sociedade em um futuro próximo, sendo o filósofo Burroughs quem propôs o termo

controle para falar do que estava por vir (DELEUZE, 1992, p. 220).

Em seu livro *Conversações* (1992, p. 224), Gilles Deleuze afirma que as antigas instituições, ou seja, a família, a escola, o exército, deixaram de ser espaços analógicos convergentes a um mesmo proprietário, Estado ou potência privada, pois se tornaram “figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes” (ibid.). As artes entraram para os circuitos fechados de um banco, os mercados passaram a ser conquistados por tomadas de controle, determinação de cotações e não mais por disciplina, redução de custos, os produtos foram sendo transformados e não mais se trabalhava com a especialização dos mesmos (DELEUZE, 1992, p. 224).

O controle vigente agora pertence ao marketing, funciona em curto prazo e tem cotação rápida, é contínuo e ilimitado, em detrimento da disciplina que era de longa duração, infinita e descontínua. De confinados em espaços disciplinares, passamos a endividados nos espaços abertos. O controle sobre as subjetividades e as identidades atenuou-se, estamos subordinados a uma vigilância generalizada, aberta, que vai além do confinamento das instituições. No caso dos presos, colocaram-lhes coleiras eletrônicas que mostram sua posição onde quer que estejam. O poder foi transformado, revestido. (Cf. DELEUZE, 1992).

Deleuze (1992, p. 224-225) cita que Félix Guattari imaginou uma cidade onde as pessoas pudessem abandonar seus lares, bairros, por meio de um cartão de identificação, eletrônico e individual que derrubaria as barreiras, o que já existe. No entanto, se esse cartão falhasse, o indivíduo deixaria de ser quem outrora fora, perderia sua identidade, não poderia ser aceito como dono de sua casa, os acessos lhes seriam negados.

As identidades que um dia foram fixas, locais, agora dão lugar a outras flexíveis, móveis, cuja velocidade é ditada pelo mercado e com a alta velocidade deste. Pelas redes flexíveis, moduláveis e flutuantes, o poder foi desfigurado, ampliou seu alcance, penetração. Surgem, então, formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, estudadas incessantemente por Paul Virilio (id, p.220).

Diante de todo esse cenário, de todas essas transformações, o homem passou a ser sujeitado de outras formas. Na Sociedade Disciplinar, fomos passivos de uma série de confinamentos, tornavam-se possíveis determinados modos de subjetivação. Hoje, enquanto combinação da Disciplina – Controle, entre uma sociedade que se acaba e outra que surge, não fugimos a essa realidade, o contexto mudou, mas estamos condicionados a outras vigilâncias. Como nos constituímos enquanto sujeitos que saem de um espaço fechado para um aberto, na medida que os poderes e os saberes se transformam ao nosso redor?

Os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos que podem se desfazer, transformar-se, à medida que novas práticas de subjetivação se formam. Cabe-nos então um questionamento: que novo dispositivo permeará, agora, a relação da subjetividade com os processos de subjetivação, com o tempo e com o corpo?

O sujeito agora se desfaz em uma série de processos que multiplicam as subjetividades que são mais ou menos montáveis e desmontáveis. Um “neonarcisismo” surge, onde a perigosa contemplação de si mesmo – a que praticava Narciso no espelho das águas – é substituída por uma série de exposições cujo controle parece fugir ao sujeito. O que vale é uma potência de variação que o sujeito sente como alheia e que somente pode ser acessada através de um “aparelho” – um novo dispositivo? – que intermedia a relação da subjetividade com a consciência que se tem dela. (CARDOSO JR., 2005, p.22-23)

Freud (1969, p.89), define o termo narcisismo enquanto direcionamento das forças libidinais para um objeto que não é externo ao sujeito, ou seja, trata-se do seu próprio eu. Desse modo, a pessoa narcisista encontra-se num estado de “enamoramento” de si mesma, trata o próprio corpo da mesma maneira que um objeto sexual é tratado, busca obter satisfação completa através de suas atividades. Embora não haja o

objetivo promover um aprofundamento nas leituras freudianas, este autor foi usado como referência donde surge a proposição de um neo. Ou seja, o Neo-narcisismo aqui colocado vem como uma idéia oposta, ou ainda, complementar à primeira. O sujeito Neo-narcísico não se fixa apenas em uma identidade, permite-se atravessar, ser, de várias formas segundo lhe convém. Esse novo modo de subjetivação prima pôr uma potência de diferenciação dos corpos, somos muitos, somos vários. Nesse ínterim, surge uma obsessão pela diferença, como se tivéssemos que nos recriar e reinventar a todo momento, sem nos darmos conta de que o que pensamos ser novo, já foi outrora reproduzido.

Dando continuidade a essa idéia, Nietzsche (s.d.) possibilita uma caracterização do Neo-narcisismo como tipo psíquico característico do modo de subjetivação contemporâneo, “Uma nação que perdeu a piedade para com o passado e que o seu gosto cosmopolita condena a uma mudança permanente e a uma procura incessante do novo, e sempre do novo” (p. 127).

O cuidado e a atenção para consigo se vêem subordinadas a um maquinismo que demonstra ter levado as práticas de subjetivação em direção a uma constante busca por singularização. A dúvida se dá a respeito de qual o lugar a ser ocupado pelos modos de subjetivação sendo que a produção do diferente é controlada por um novo dispositivo.

Tudo isso, contextualizado numa Sociedade que mescla características da Sociedade de Controle, descrita pôr Deleuze, e da Sociedade Disciplinar, analisada pôr Foucault.

Esse estudo visa entender como se dá a constituição do sujeito nessa combinação de sociedades apontada pôr Deleuze onde o que parece prevalecer é uma potência de variação da subjetividade, uma busca incessante pelo novo, uma vez que mesmo identidades aparentemente mais consolidadas camuflam jogos de sentido que demonstram, na verdade, uma obsessão pela diferença.

Referências Bibliográficas

CARDOSO JR. Pra que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo, In: *Psicologia, Reflexão e Crítica*. Porto Alegre: UFRGS, v.18, n.3, p.343-349, 2005. LEUZE, G. *Conversações*, 1972-1990, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Conversações*, 1972-1990, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis: Vozes, 2003

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. 14, p. 89-119.

NIETZSCHE, F. *Considerações intempestivas*, Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fortes, s.d.